

Reflexões sobre a formação do arte/educador e a relação com a educação estética

Maristani Polidori Zamperetti
CA/UFPel

Resumo: O texto parte de reflexões iniciais acerca das relações entre a experiência e a educação estética na formação de professores de Artes Visuais, apontando a necessidade de reflexão acerca de memórias e vivências infantis, visando possibilitar o reconhecimento de ideias e/ou concepções sobre a arte na formação de professores. Para tanto, utilizo as minhas vivências e experiências escolares, na condição primeira de aluna e posteriormente, de professora, que me motivam a refletir sobre a formação de docentes na universidade, hoje. A arte tem a capacidade de produzir sensações e sentidos nos sujeitos, conduzindo-os a saberes integrados em seus corpos, tornando-os mais perceptíveis aos seus contextos de vida. Necessitamos urgentemente de espaços de formação, discussão e reflexão sobre a arte e seu papel na vida contemporânea – uma educação estética. A vivência prática conduzirá o arte/educador a questionamentos frente às situações que se apresentam, revisando sua formação e atuação em sala de aula. O confronto, a possibilidade de vivenciar uma situação semelhante à da criança, propiciará a ampliação de sua própria expressividade e sensibilidade.

Palavras-chave: Arte/Educação; Educação Estética; Formação Docente.

Proponho-me a refletir, no presente texto, acerca das relações entre a experiência e a educação estética na formação de professores de Artes Visuais, a partir de vivências e observações com o grafismo infantil, na condição de professora e pesquisadora¹. Parto do princípio de que é necessário recuperar experiencialmente memórias de situações e vivências infantis, para que, refletindo sobre elas, possamos perceber a importância da arte na formação pessoal e profissional de futuros/já professores de Artes Visuais. Entendo que as vivências infantis repercutem no meu trabalho como docente, portanto, pensando na importância de se falar sobre a relação entre a experiência e a formação docente, utilizo minhas memórias como dados para a autopesquisa.

Apelo às memórias: lembro-me dos desenhos no papel, no chão, as pinturas nas paredes feitas com pó de tijolo e água, as revistas de histórias em quadrinhos, os desenhos que minha mãe fazia, os apontamentos de meu pai em cadernos, os recortes precisos feitos com uma pequena tesoura por minha avó – recordações de um tempo da infância que marcam a minha memória e que se refletem na minha

¹ Trabalhei em escolas municipais de uma cidade da zona sul do RS, de 1991 a 2010, ingressando na universidade como Professora de Fundamentos da Educação em Artes Visuais, no segundo semestre de 2010.

formação de artista-professora-pesquisadora. O que estas lembranças possuem de potencial para pensar a nossa formação de professoras e professores?

A criança vivencia importantes situações para o seu desenvolvimento através dos traçados gráficos – lápis, caneta e pincel – experienciando-as com profunda entrega e densidade gestual. Situação semelhante poderá ocorrer com o adulto predisposto à criação artística; ele se encontra bastante próximo da criança na qualidade do envolvimento vivenciado. Porém, o adulto reflete, e através dessa ação, é tomado pela experiência, que vinda de uma vivência refletida, torna-se algo materializado, possibilitando-lhe pensar sobre o ocorrido.

O ato de criação não é constituído somente de momentos agradáveis ou de ações planejadas, que possibilitem ao artista/adulto controle extremo. Existe também a dúvida, o conflito, a dor, o estranhamento, a frustração – sentimentos e sensações que não poderiam estar ausentes de uma atividade humana e que concretizados, ordenados materialmente, participam de um processo dinâmico de transformação do próprio ser que as produz. Considera-se, neste processo de experimentação que ao produzir

possíveis obras, [o artista] pode ter de enfrentar todos os tipos de erros ou chegar à conclusão de que não é esta [obra] ainda aquela buscada; como consequência, é gerada a necessidade de fazer outras tentativas e, assim, a abertura para novas descobertas [...] (SALLES, 2007, p. 37).

No processo criativo, crianças, jovens e adultos de qualquer idade experimentam novas descobertas em suas produções artísticas – ao mesmo tempo que constroem formas e as destroem – modificam a forma de seus grafismos, e neste movimento sem fim, transformam-se. Na medida em que estes sujeitos se identificam com a matéria criada/recriada, promovem uma transferência simbólica, na qual fazem parte como autores e espectadores, surgindo possibilidades de “reflexão, de convergência e antagonismo, no confronto entre a produção gráfica infantil e o universo cultural do aluno” (DERDYK, 1989, p.07).

Através da criação artística é possibilitado ao sujeito, dar formas à sua imaginação. Escapa-se, assim, da domesticação e massificação que a indústria cultural produz em adultos, jovens e crianças, numa espécie de alienação estrondosa que anestesia os sentidos humanos. Como aponta Vieira da Cunha (2009), da mesma forma que não existe substituição para a criação artística, também não há possibilidade de troca para o exercício do riso e do brincar, pois

ainda que tenhamos acesso a aparatos tecnológicos refinados, as primeiras vivências com materiais, texturas, cores, sensações e odores serão sempre lembradas. Da mesma forma, ficará em nossa lembrança, as brincadeiras infantis e os momentos lúdicos, vivenciados na interação com os pares.

Talvez, e provavelmente uma grande maioria dos educadores, deixou para trás as vivências básicas e imprescindíveis da criação artística, esquecendo-se de que as experimentações infantis produzem momentos culturais e descobertas diversas do mundo adulto. Assim como as crianças, somos formados [ou formatados] por este espaço psíquico cultural que supervaloriza os aspectos cognitivos e esquecemos, por fim, da sensibilidade e da experiência estética, que poderiam ser asseguradas pela educação estética. Conforme aponta Duarte Júnior (2010), a atividade artística seria uma das formas de exercício da educação estética, mas não a única.

Percebe-se que a experiência estética é o fundamento para a formação de crianças, jovens, adultos e de seus professores. Como assegura Derdyk, “a vivência prática da linguagem [artística] deveria ser considerada pressuposto básico para a formação de futuros educadores” (1989, p.11). Assim, poderíamos falar de uma educação estética como proposta para a formação de professores, tendo repercussões na sua futura profissão e na relação com seus alunos e contexto escolar.

A experiência estética é “[...] a nossa (humana) experiência face a determinados objetos que percebemos e sentimos como belos” (DUARTE JÚNIOR, 1986, p. 9). Durante a experiência estética ocorre um diálogo entre a pessoa e os seus próprios sentimentos, sem a presença de um interlocutor. A beleza não está no objeto ou fato observado e nem em quem o observa, mas acontece na relação entre ambos. A experiência estética é um tipo específico de relação que mantemos com o mundo. O espectador diante da obra dialoga com os seus sentimentos e, num ir e vir de sensações, imagens, memórias, encontra-se consigo mesmo, porém, esta experiência sensível “em sua essência, pode-se dar não apenas diante da arte, como também da totalidade do mundo e de seus múltiplos objetos”, conforme sugere Duarte Júnior (2010, p. 37).

A vivência do ato criativo pela criança possibilitará seu desenvolvimento e amadurecimento, ampliando sua expressividade e produzindo reverberações ao

longo da vida, constituindo-se em experiência estética. A concepção de nós mesmos, adultos, como seres totalmente estáveis e formados, por vezes, torna-se um empecilho para que possamos experienciar e descobrir novas possibilidades de criar. A ideia de que *isso é coisa de criança*, e portanto, *menor* em importância, precisa ser repensada e modificada, principalmente pelos que se dedicam à formação de professores e aos futuros docentes.

O considerável embrutecimento das relações sensíveis na contemporaneidade incide – de forma não menos catastrófica – na formação de professores, onde aparentemente é ainda incipiente o espaço concedido às atividades estéticas e artísticas. Por essa razão, discutir o papel da experiência estética no espaço destinado à formação docente ajuda na compreensão dos fatores que envolvem os processos pedagógicos de formação da sensibilidade (MEIRA; ZAMPERETTI, 2010).

Desta forma, necessitamos vivenciar situações que promovam alguma espécie de estranhamento a nós mesmos, uma percepção das sensações impressas em nossos corpos pelas atividades artísticas. Este tempo/espaço pode se constituir num intervalo de calma, serenidade ou desagrado; de qualquer maneira, uma sincera permissão para que possamos pensar e talvez, refletir, sobre os sentidos e sentimentos experimentados durante o envolvimento na atividade.

Refiro-me à *estesia*, termo contrário à *anestesia*. A anestesia caracteriza-se pela negação do sensível, a incapacidade de sentir, que gera a deseducação dos sentidos, fato presente na sociedade contemporânea. Dessa constatação sobrevém a necessidade urgente de atentar aos “processos sensíveis do corpo”, como aponta Duarte Júnior (2010).

Podemos observar o anestesiamiento humano em diferentes situações vivenciadas na contemporaneidade – o consumismo, a busca de prazer imediato, as condutas de risco – parecem ser movidas pela busca de sensações e percepções relevantes para a vida humana, porém, mais do que causar stress, tensão e dispersão adrenalínica, anestesiam. Por isso, necessitamos urgentemente de espaços de formação, discussão e reflexão. A arte tem a capacidade de produzir sensações e sentidos nos sujeitos, conduzindo-os a saberes integrados em seus corpos, tornando-os mais perceptíveis aos seus contextos de vida.

Duarte Júnior (2010) afirma que a educação *estésica* é

[u]ma relação mais harmônica de nossos sentidos corporais com as coisas que nos cercam, bem como um maior equilíbrio nas atividades que desempenhamos constituem o passo inicial para a percepção estética da vida que nos foi dada a viver (p. 19).

Assim, as experiências sensíveis (ou estéticas) permitem aos indivíduos uma relação dos seus sentidos com a realidade ao seu redor e também com outras desconhecidas e/ou desapercibidas em momentos passados ou, ainda, que pertençam ao campo da imaginação. Porém, isto só é possível se realmente ocorrer uma interação entre o sujeito e o objeto e/ou situação.

Quando uma pessoa é incapaz de se sensibilizar com algo, tornando-se indiferente aos estímulos externos e/ou internos, é porque não promoveu uma verdadeira relação com o objeto, ou careceu de informações ou aprendizados artísticos que lhe possibilitassem o ingresso ou compreensão para a obra. Afinal, “educamos nossos sentimentos a partir dos códigos estéticos presentes em nossa época e cultura. Isto é, aprendemos a ver em determinados estilos de arte os símbolos de nossos sentimentos, e assim nos identificamos com eles” (DUARTE JÚNIOR, 1986, p.89).

O fazer artístico é uma das formas de atingir a experiência estética, pois através deste poderemos aprimorar nossos sentidos, tornando-nos sensíveis às pessoas e ao mundo. A educação estética pode ser obtida na escola, através do Ensino de Arte ou mesmo, por outras disciplinas que privilegiem a possibilidade de experiências estéticas em seus conteúdos.

As práticas artísticas que possibilitem o contato com o que parece feio, desagradável ou indesejável pode ter maior significação do que a conexão com algo agradável, fazendo sentido e proporcionando processos de aprendizagem sobre si, os outros e o mundo. Assim, podemos considerar estas ocorrências como necessárias à mobilização dos processos pedagógicos, dentro ou fora da escola.

Os elementos de estranhamento surgidos nas práticas e vivências artísticas, em relação ao que é produzido pelo sujeito, poderá servir de mote para questionamentos e reflexões. Ao experienciar, por meio das práticas artísticas, sentimentos e sensações proporcionadas pelas cores, odores, texturas e materialidades pouco vividas em seu cotidiano, o sujeito será afetado e convidado a olhar com maior atenção e profundidade para si mesmo. Assim, as práticas artísticas promovem pausas, momentos para olhar de novo e de outras formas, pensar e

escutar, suspender juízos preestabelecidos e falar sobre o que motiva e interpela os sujeitos.

A vivência prática conduzirá o arte/educador a questionamentos frente às situações que se apresentam, revisando sua formação e atuação em sala de aula. O confronto, a possibilidade de vivenciar uma situação semelhante à da criança, propiciará a ampliação de sua própria expressividade e sensibilidade. Assim, a compreensão do universo infantil será possível através do entendimento do processo vivenciado. A partir do conhecimento da sua própria capacidade de desenhar, das possibilidades do desenho como uma expressão sensível, o arte/educador entrará em contato com o grafismo infantil e compreenderá essa manifestação infantil de forma amplificada.

Assim, a vivência de experiências sensíveis, ou melhor, a abertura às diferentes formas de experiências e experimentação escolares, possibilitará a condição mais ou menos frutífera à educação estética, a qual pode ser aprendida e ensinada, porém reside na dependência da motivação, desejo ou conhecimento dos sujeitos envolvidos.

Referências:

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho*. Desenvolvimento do Grafismo Infantil. São Paulo: Scipione, 1989.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. *Por que arte-educação?* Campinas: Papyrus, 1983.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. *O que é beleza* (Experiência Estética). São Paulo: Brasiliense, 1986.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. *A montanha e o videogame*: Escritos sobre educação. Campinas: Papyrus, 2010.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. N. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

MEIRA, Mirela R.; ZAMPERETTI, Maristani Polidori. Formação estética, Cultura Visual e Letramento Sensível na formação docente. In: IV Simpósio Internacional e VII Fórum Nacional de Educação - Currículo, Formação Docente, Inclusão Social, Multiculturalidade e Ambiente. [*Anais do...*] Torres/RS, 2010, p. 01-15.

SALLES, Cecilia Almeida. Desenhos da criação. In: DERDYK, Edith (org.). *Disegno. Desenho. Desígnio*. 2 ed.]São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007. p. 33-44.

VIEIRA DA CUNHA, Susana Rangel. Pintando, bordando, rasgando, melecando na Educação Infantil. In: *A Expressão Plástica, Musical e Dramática no Cotidiano da Criança*. 7 ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.